

INDISCIPLINA: O QUE A ESCOLA PENSA DELA

Soraya Nunes dos Santos Pereira, UERN

RESUMO: O fenômeno da indisciplina nos dias atuais ainda gera discussões e inquietações em educadores. Com base nos pressupostos teóricos de Aquino (1996), La Taille (1996), Ariès (1981), Rego (1996), Araújo (1996), Brito (2012) e Lajonquière (1996), o foco da pesquisa está na investigação da percepção que os atores que compõem a escola têm sobre a indisciplina infantil no contexto de sala de aula, as principais causas numa perspectiva sociocultural do fenômeno. Subsidiada através de entrevistas semi-estruturadas e questionários com a gestora, uma professora da turma multisseriada, um professor da turma do 4º ano, seis pais de alunos e seis alunos dos anos iniciais do ensino fundamental da Escola Estadual João, Patu/RN, parceira do PIBID. A indisciplina se traduz de diferentes maneiras, um bom comportamento nem sempre é sinal de disciplina. A indisciplina extrapola as relações entre educando e educador. Elas atingem ambientes como a família, a escola e o aluno.

Palavras-chave: Indisciplina; Escola; multicausalidade

O fenômeno da indisciplina, em linhas gerais, tem sido motivo de preocupação em todas as áreas sociais, ganhando mais proeminência em ambientes educativos em que o relacionamento dos sujeitos envolvidos fica comprometido em virtude da violação de acordos, regras, estatutos e regimentos.

No contexto escolar o assunto acentua-se na própria definição do termo e na constatação da manifestação do fenômeno, pois, apesar de ser uma das queixas mais patentes por partes dos envolvidos na educação formal e informal, permanece o questionamento sobre como alguns envolvidos classificam o “comportamento indisciplinado”. Independente de um consenso sobre o que seria indisciplina, o fato é que na contemporaneidade muitos educadores estão incomodados com o comportamento de seus alunos ao ponto de entenderem tal comportamento como prejudicial no processo ensino-aprendizagem.

Entendemos que para a compreensão da indisciplina nesta fase da vida, se faz necessário compreender o que podemos chamar de infância. De acordo com Ariès (1981 p.4):

A duração da infância era reduzida a seu período mais frágil, enquanto o filhote do homem ainda não conseguia bastar-se; a criança então, mal adquiria algum desembaraço físico, era logo misturada aos adultos, e partilhava de seus trabalhos e jogos. De criancinha pequena, ela se transformava imediatamente em homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude.

Sarmento (2007) concorda que o confinamento da infância a um espaço social condicionado e controlado pelos adultos produziu, como consequência, o entendimento generalizado de que as crianças estão “naturalmente” privadas do exercício de direitos políticos. Com isto, Sarmento (Op. cit, p.35-36) defende com veemência que:

[...] A infância não é a idade da não-fala: todas as crianças, desde bebês, têm múltiplas linguagens (gestuais, corporais, plásticas e verbais) por que se expressam. A infância não é a idade da não-razão: para além da racionalidade técnico instrumental, hegemônica na sociedade industrial, outras racionalidades se constroem, designadamente nas interações de crianças, com a incorporação de afetos, da fantasia e da vinculação ao real. A infância não é a idade do não-trabalho: todas as crianças trabalham, nas múltiplas tarefas que preenchem os seus quotidianos, na escola, no espaço doméstico e, para muitas, também nos campos, nas oficinas ou na rua.

A discussão ora proposta visa investigar a existência e as principais causas da indisciplina infantil no contexto de sala de aula numa perspectiva sociocultural do fenómeno. Para isso nos utilizamos da observação em sala de aula, entrevista com os envolvidos no processo educacional como professores, gestão escolar e alunos, como também com pais de alunos.

A Escola Estadual João Godeiro situada na Rua Rafael Jácome nº 18, no centro da cidade de Patu/RN, *locus* da nossa pesquisa, foi pioneira na educação formal do município. Oferece Ensino Fundamental I e II e a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA). É composta por 13 professores com formação superior na área em que atua e 263 alunos, no ano de 2013, sendo 78 dos primeiros anos do Ensino Fundamental oriundos de contextos culturais diversificados, e a maioria de condições socioeconômicas desfavoráveis.

A escola é integrante do Programa de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) sendo esta iniciativa do governo federal. Promovendo uma parceria entre a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN e escola, licenciando e professores da educação básica, contando com a presença de 15 estudantes do curso de Pedagogia bolsistas distribuídos do 1º ao 5º ano. Ao refletirmos sobre estes partícipes dos anos iniciais do ensino fundamental, indagamos: o que é ser criança? Seria possível a manifestação de indisciplina infantil? O que podemos esperar de uma criança? Seria esta capaz de participar de tomadas de decisões assim como o adulto?

A presente pesquisa nos direciona o olhar para a gênese do problema, fazendo uma análise não somente dos casos isolados de indisciplina e da constatação da

existência desse fenômeno em sala de aula, mas também da influência do meio social e cultural sobre o aluno indisciplinado. A nossa defesa da pertinência e urgência do estudo em apreço se dá em consequência da grande reclamação por parte dos professores sobre o considerável aumento de casos de indisciplina em sala de aula e a não resolução do problema, gerando desse modo desmotivação no docente e interferência no próprio aprendizado do aluno.

O trabalho de investigação está situado na abordagem da pesquisa qualitativa. Foi desenvolvida com a ajuda dos alunos bolsistas do PIBID, que realizaram observações do/no ambiente escolar e sala de aula, possibilitando um contato pessoal e estreito com o fenômeno pesquisado e uma aproximação das perspectivas dos sujeitos, como também subsidiada através de entrevistas semi-estruturadas e questionários com a gestora da escola, uma professora da turma multisseriada (1º ao 3º ano), um professor da turma do 4º ano as quais atribuímos a letra D, de docente, e o numeral 1 e 2 para designá-las respectivamente, seis pais de alunos dessas turmas e seis alunos dos anos iniciais do ensino fundamental da Escola Estadual João Godeiro/RN.

Como ponto de partida para a discussão ora apresentada, iniciamos por discutir o que é ser criança e o que desta podemos esperar. Na visão da docente D1, notamos que esta já compreende a criança como um cidadão quando diz: “Ser criança é poder usufruir de direitos e deveres no contexto social”, em toda a sua fala fica explícito o direito que a criança tem, como também o dever que esta possui de respeitar o direito do outro.

O docente D2 assegurando ser a infância “o momento mais significativo da vida de uma pessoa” destaca a liberdade que a criança tem “ pra dizer o que pensa, pra aprender quando quiser, estudar quando quiser, fazer o que acha que é certo”, ressaltando também que “devemos esperar dela agitação, ação, interação”. Nas duas colocações dos professores é perceptível uma complementaridade em suas concepções, pois, enquanto um trata sobre o direito que a criança possui, o outro já coloca a liberdade desta.

Esses conceitos nos instigam a afirmar que devido as crianças estarem sob responsabilidade do adulto, o mesmo, muitas vezes, projeta nestas, suas expectativas e realizações interferindo desse modo no seu direito, sua liberdade e reconhecimento de um ser com características próprias, conforme bem coloca Pereira (2011, p. 31):

A criança deseja ter o espaço dela; ela quer apenas ser ela, e não ser o que os outros querem que ela seja. A criança deseja dormir até mais tarde, não tendo que ser incomodada logo que o sol nasce devido às várias responsabilidades que lhe impuseram, e, se for para acordar cedo, ela deseja acordar por livre e espontânea vontade, para fazer aquilo que ela gosta, aquilo que lhe motiva; ela quer brincar, brincar e brincar até se cansar, esse cansaço lhe dá prazer, mas, o que a incomoda é o fato de se cansar com as tantas aulas que tem ou com o trabalho duro que realiza para ajudar no sustento da família.

Todavia, não é recente a criança ter sua individualidade, aliás, é uma das características da infância mais ignorada, inferimos inclusive que houve um significativo avanço nesse sentido, tendo em vista que o conceito de “[...] infância que conhecemos hoje foi uma criação de um tempo histórico e de condições socioculturais determinadas” (FROTA 2007).

Sobre essa criança idealizada pelo adulto, Pereira (2011, p. 29) afirma:

Assistimos hoje a vontade soberana dos adultos prevalecendo sobre as crianças, e assim acontece, devido às crenças que estes possuem sobre o que é melhor para os pequenos, eles consideram conveniente fazer tudo às suas maneiras por já possuírem mais tempo e experiências na vida, e assim, eles próprios é que almejam objetivos para que a criança alcance ao longo da vida.

Essa discussão nos orienta que tanto o social, cultural, como o próprio indivíduo enquanto integrante dessa sociedade faz emergir as regras. Longe de nós intencionarmos dá uma conclusão, o que ora se debate é a forma como se entendia a construção da moral num passado não muito distante com as recentes aquisições da psicologia e pedagogia. E nesta proposição, ainda nos convém descrever o processo psicogenético de evolução de Piaget, onde a partir da análise do jogo de regras, identifica as etapas do processo de conscientização das mesmas.

Piaget (1994) apud Godoy et al (2006) define três etapas na construção da moral: a da anomia, de zero a dois anos de idade, heteronomia, por volta dos três anos e autonomia, a partir dos sete anos; em que detalha:

Na etapa da anomia, há a ausência de regras, por desconhecimento e pela falta de necessidade destas, pois a criança brinca para satisfazer suas necessidades motoras. Na fase da heteronomia, a criança percebe a existência de regras, mas sua fonte é externa, é determinada pelo adulto, não faz parte da brincadeira. Finalmente, quando atinge a autonomia, a fonte de existência das regras é o próprio indivíduo na sua relação com o outro.

Seguindo esta análise nos apoiaremos no que diz Foucault quando afirma que “fomos acostumados a pensar o poder em sua face repressiva, numa concepção puramente jurídica, como uma força que proíbe, que diz não”. (FOUCAULT, 1993 apud BUJES, 2013). O que Foucault nos faz compreender é outra face do poder muito

mais eficiente, aquela que faz com que seja aceito, não por seus efeitos repressivos, mas pela sua potência, pela sua capacidade de produzir prazeres, saberes, discursos, um poder que seduz, acumplicia, não se mostra, “um poder modesto, desconfiado, que funciona a modo de uma economia calculada, mas permanente”. (FOUCAULT, 1995, p.153) apud BUJES (2013).

Enxergamos a sala de aula como um excelente espaço para exercício do poder apresentado por Foucault, pois lá acontece a comunicação entre todos os sujeitos envolvidos, onde se discute todos os mistérios do universo em que estamos contidos e se compreende de maneira própria a vida. Porém o que muitas das vezes é perceptível nesse ambiente é a angustia de professores que não sabem o que fazer diante de determinados comportamentos por parte de alguns alunos que comprometem os objetivos educacionais de sua aula.

A esse respeito emerge uma discussão não consensual do que estaria acontecendo com nossas salas de aula, nossos alunos, levando aos seguintes questionamos: seria a indisciplina o agente causador desses desconfortos nas aulas? O que poderíamos então classificar como atos indisciplinados? Ou melhor, o que seria indisciplina? Existiria alguma possibilidade de uma criança apresentar tal comportamento?

Questionada sobre o que caracterizaria como comportamento indisciplinado a diretora da escola pesquisada argúi:

Considero como indisciplinado aquele aluno que ao chegar na sala de aula não respeita o professor, não respeita seu colega e muitas vezes falta com respeito a todas as pessoas, eles acham que as pessoas estão aqui para serem empregados deles e não orientadores. Acho isso uma indisciplina muito grande, pois estão muito mal acostumados e vejo que não é só nessa escola, e sim em todas, pois já fui diretora em outras escolas e pude observar isso. (DIRETORA, 2013).

Notadamente se percebe no depoimento da diretora uma associação que diz respeito ao seu cotidiano escolar, isto por que a prática pedagógica, conforme Passos (1996) é estruturada a partir dos quadros de referência ideológicos, morais e sociais de todos os envolvidos na dinâmica escolar: professores, diretores, alunos, pais, funcionários. Tais quadros se cruzam com todo o universo simbólico cultural (de valores, crenças, representações que dão sentido as suas atitudes e comportamentos).

Mas a professora “D1” de maneira sucinta responde: “entendo indisciplina como a violação de dois tipos de regras, morais e convencionais, por exemplo, quando um

aluno xinga o outro, ou bate, ele transgride uma regra moral”. E de maneira bem própria e contrária a esta posição o professor “D2” expressa:

Em minha opinião indisciplina não seria bem o descumprimento de regras. Muita gente acha que criança indisciplinada é a criança agitada, que grita, mas pra mim é quando ela não quer interagir com outro, quando ela não quer aprender o que estar sendo exposto. (PROFESSOR D2, 2013).

Ante essas afirmações concordamos que “cada professor tem uma visão diferente do que seja a disciplina. Para alguns, um caderno descuidado já é uma manifestação de indisciplina; para outros apenas o silêncio total na sala de aula é sinal de disciplina”. (PARRAT-DAYAN, 2012, p. 10). No nosso caso as respostas que obtivemos nos apontam para a dialética do termo indisciplina, tendo em vista as diferentes posições dos entrevistados.

Nas palavras de Antunes (2002, p. 9) uma classe indisciplinada é toda aquela que:

Não permita aos professores oportunidades plenas para o desenvolvimento de seu processo de ajuda na construção do conhecimento do aluno; não ofereça condições para que os professores possam “acordar” com os seus alunos sua potencialidade como elemento de auto-realização, preparação para o trabalho e exercício consciente da cidadania; não permita um consciente trabalho de estímulo às habilidades operatórias ao desenvolvimento de uma aprendizagem significativa e vivências geradoras da formação de atitudes socialmente aceitas em seus alunos.

Diante dos diversos posicionamentos até aqui discorridos sobre as (in) definições de indisciplina, concordamos que como toda criação cultural, o conceito de indisciplina não é estático, nem uniforme, nem universal. A indisciplina relaciona-se com um conjunto de valores e expectativas que variam ao longo da história, entre culturas diferentes, nas diferentes classes sociais.

Retomamos a questão: é possível uma criança apresentar um comportamento indisciplinado? Sobre a possibilidade de a criança manifestar um comportamento indisciplinado a professora “D1” afirma que “Sim, as vezes com a quebra das regras e combinados, apesar de que a criança não pode ficar como expectador, e sim participar ativamente da sala de aula, contanto que ela obedeça alguns combinados”. Sentimos em seu discurso, que são colocadas algumas regras à criança e quando esta infringe alguma, se constitui como um ato de indisciplina. O que de maneira colacionável o professor “D2” expõe:

Sim, dependendo do local, por exemplo, a indisciplina é conhecida, pelo menos no meu entendimento, como aquele comportamento inadequado para

um determinado ambiente. Então se a criança não se comporta na escola de acordo com aquilo que se espera, com a regra da escola, entende-se que ela está sendo indisciplinada e disciplina é fazer com que elas obedeçam a determinadas regras e é aí onde começa o choque. Então a criança manifesta um comportamento indisciplinado com o descumprimento de determinadas regras impostas por um determinado grupo. (PROFESSOR “D2”, 2013).

Nos dois depoimentos fica implícito que a criança indisciplinada pode ser assim, apenas pelo motivo das regras que lhe são impostas e não necessariamente por uma conduta desviante, ou intencionalmente praticada. No segundo depoimento é possível verificar que as regra imposta a criança geram um “choque” quando o professor “D2” diz que “disciplina é fazer com que elas obedeçam a determinadas regras e é aí onde começa o choque”. Contudo a diretora vai mais além:

Acredito que uma criança pode manifestar um comportamento indisciplinado sim, até por que nós temos casos aqui na escola de alunos do 1º ao 5º ano que chegam na sala de aula quebram a própria carteira, risca, não atende o professor, muitas vezes eu sou chamada pelo professor que pedem pra resolver conflitos em que os alunos não os respeitam. Recentemente teve um caso de um aluno que usou palavras de baixo calão e o professor se sentiu ofendido e nós fomos obrigados a tomar providências com esse aluno. Desse modo vemos que tem muita indisciplina e talvez os alunos indisciplinados do 6º ao 9º anos já vem assim desde o 1º ano. (DIRETORA, 2013).

A própria regra pode despertar na criança um sentimento de aversão por ninguém ouvir sua posição aquilo que estar imposto a ela, principalmente quando esta se encontra em sala de aula sob o método autoritário. Em acordo com Parrat-dayan (2012) podemos considerar defeituoso um sistema educacional fundado na coação, pois claramente se percebe a resistência de algumas crianças ao método autoritário usando de esperteza para escapar à disciplina.

Citando Winnicott (1983/1990), Godoy, et al. (2006) descreve que a insistência em uma organização moral imposta faz com que se perca sua criatividade. Mostra que muitas vezes, é preciso favorecer os espaços potenciais de criação para que a criança tenha a ilusão que criou a educação moral. “Na abordagem psicanalítica de Winnicott, entendemos os atos de indisciplina como muitas vezes, um pedido de socorro demonstrado em uma tendência antissocial” (GODOY, et al. 2006).

Todavia na rotina escolar o professor nem sempre consegue converter aquela energia excessiva do aluno em vantagem em razão da possibilidade de uma sala de aula as vezes assemelhar-se ao caos do trânsito nas ruas e estradas. Cada motorista deseja que os outros admirem seu carro, mas não aceita que julguem sua maneira de guiar, cada vez mais desregrada. Cada aluno quer ser admirado pessoalmente, mas não concebe que alguém possa condenar seus comportamentos sociais.

Ousamos afirmar que o fenômeno da indisciplina é perceptível em todos os setores da sociedade e não apenas na sala de aula, se ela começa ou não na família, lá é possível sua manifestação, na sociedade em geral ela evolui à violência, no contexto escolar em espaços fora de sala de aula, em momentos como num intervalo, na recreação, os alunos podem procurar a diversão justamente naquilo que não é permitido com atos de vandalismos contra o patrimônio público, desse modo cabe-nos a seguir detalhar a manifestação do fenômeno na escola pesquisada, como também suas possíveis causas

Tendo em vista a análise sociocultural, realizamos uma entrevista com os pais acerca do que entendiam da necessidade de uma criança precisar freqüentar uma escola, o que seria para eles um bom professor, e um bom aluno. Os pais dos alunos tidos por seus professores como indisciplinados responderam:

Uma criança precisa ir à escola por que ela deve estudar para ser alguém na vida. E um bom professor é aquele que dar aula e o aluno aprende, o bom aluno é aquele que fica bem comportado na aula. (PAIS P2, 2013).

Uma criança precisa ir à escola para aprender a escrever o nome, pois a pessoa analfabeta não consegue nada. E um bom professor é aquele que sabe conversar com o aluno, suspende o aluno errado, tirar do recreio, por exemplo, seria uma boa estratégia. O bom aluno é aquele que sabe respeitar o professor, e sabe pedir licença. (PAIS P3, 2013).

Uma criança precisa ir à escola para aprender e ficar longe das ruas. E para mim um bom professor é aquele que sabe cativar os alunos, pois existe muita rebeldia. Um bom aluno sabe ser comportado, e tem interesse em aprender. (PAIS P4 2013)

Os pais dos alunos tidos como disciplinados, responderam:

Uma criança precisa ir à escola para aprender e receber educação oriunda da cultura. Um bom professor, para mim, é aquele que sabe passar o conteúdo para o aluno sem fazer muitas cobranças. E um bom aluno é aquele que assiste as aulas realmente e sabe a hora de brincar e fazer as tarefas; o bom aluno também é aquele que sabe exigir do professor. (PAIS P1, 2013).

Sem um estudo agente não é nada, por isso a criança precisa ir a escola e o bom professor é aquele que consegue dialogar com o aluno. Já o bom aluno é o que obedece ao professor e faz as atividades de sala de aula. (PAIS P5, 2013).

Sem ir a escola não tem como aprender. O bom professor sabe educar bem o aluno e o bom aluno é aquele que não dá trabalho, e obedece ao professor. (PAIS P, 2013).

Essas declarações demonstram que independentemente do aluno ser considerado indisciplinado ou não, os pais têm consciência dos motivos que o aluno precisa ir à escola, de como um bom professor deve proceder, e ainda como deve ser o comportamento de um bom aluno. Em todos esses depoimentos se verifica que para os

pais dos alunos, a aprendizagem, a postura de compreensão do professor perante o aluno e cooperação deste na aula, são de fundamental importância nos processos educativos. E com essas interpretações, como também a preocupação que estes apresentaram na relação entre alunos, pais, professores e escola, convergimos às questões de convivência “que extrapolam as relações entre educando e educador. Elas atingem ambientes mais amplos, como a família e a escola”. (WERNECK, 2010, p. 32).

Por isso que procuramos ouvir também os alunos com outras questões, mas que pode igualmente nos indicar o grau de interesse e participação destes na vida escolar do filho, e ainda nos aponta a maneira como são tratados em casa no que concerne ao desenvolvimento intelectual como a internalização das regras para aceitá-las ou rejeitá-las. Para isso, indagamos a eles se brincam com seus pais, como é o relacionamento com eles, se incentivam a estudar em casa além da escola e se perguntam sobre o comportamento deles na escola. Dos alunos tidos por seus professores como indisciplinados pudemos obter as seguintes respostas:

Nunca brinco com meus pais, apenas ajudo a eles trabalhando pra ganhar dinheiro quando não estou na escola. Nunca estudo em casa, apenas na escola e não faço as tarefas de casa, meus pais não perguntam sobre o meu comportamento na escola, só quando esqueço o caderno na sala de aula. (ALUNO A2, 2013).

Moro com minha avó, mãe e irmão, mas quem cuida de mim é minha avó, não brinco muito com ela, mas ela sempre conversa comigo, converso também com meu irmão. Não estudo em casa, e minha avó sempre pergunta sobre o meu comportamento na escola e apesar de as vezes não ser bem comportado respondo que me comporto bem. (ALUNO A3, 2013).

Nunca brinco com meus pais e eles nunca conversam comigo, na verdade a minha mãe passa o dia trabalhando e fico com minha avó. Só estudo na escola mesmo e não faço atividades da aula em casa e dificilmente minha avó ou minha mãe pergunta como foi o meu dia na escola. (ALUNO A4, 2013).

Vimos anteriormente os pais desses alunos discernirem muito bem o que seria um bom professor, a importância da criança frequentar a escola e de ter um comportamento exemplar. Porém apesar de entender tão claramente como uma criança pode ter um bom desenvolvimento escolar, o que verificamos nos depoimentos dos seus filhos, foi a falta de acompanhamento destes na rotina escolar desses alunos quando o aluno “A2” por exemplo expressa: “Nunca estudo em casa, apenas na escola e não faço as tarefas de casa, meus pais não perguntam sobre o meu comportamento na escola” como também o pouco envolvimento afetivo quando o aluno “A4” diz: “Nunca brinco

com meus pais e eles nunca conversam comigo, na verdade a minha mãe passa o dia trabalhando e fico com minha avó.”

Dos alunos interpretados por seus professores como disciplinados impetramos:

Meus pais sempre brincam e conversam comigo, sempre me ajudam nas tarefas de casa estudando comigo. As vezes quando chego da escola, minha mãe pergunta se eu me comportei bem e eu respondo que sim. (ALUNO A1, 2013).

Minha mãe sempre brinca comigo de várias brincadeiras, quando tenho algum problema conto sempre com ela pra me aconselhar e conversar. Sempre gosto de estudar em casa além da escola e sempre minha mãe pergunta como eu fui na escola e respondo que me comportei bem. (ALUNO A5, 2013).

Não tenho muito o costume de brincar e conversar com meus pais. Gosto de estudar na escola e em casa também, meus pais também me perguntam como foi a aula e respondo que foi boa e que me comportei. (ALUNO A6, 2013).

Podemos apreender com base nesses depoimentos que esses alunos tem uma liberdade e intimidade maior com seus pais, favorecendo e estimulando no seu convívio escolar. É o que percebemos quando o aluno “A1” afirma: “Meus pais sempre brincam e conversam comigo, sempre me ajudam nas tarefas de casa estudando comigo”. Nos depoimentos subsequentes não há muita diferença com exceção do aluno “A6” que afirma não ter muito costume de brincar com seus pais, mas que estes sempre demonstram interesse em saber como foi a aula.

Segundo REGO (1996), esse ambiente democrático, favorece à criança saber conviver em sala de aula com outros colegas, com o professor e devido ela receber essa atenção em casa, e os pais se envolverem nas atividades escolares do filho, isso contribuirá para que esta não venha manifestar um comportamento indisciplinado, pois os valores morais difundidos em sua família foram internalizados.

Considerando esta análise, perguntamos aos professores e a gestora envolvidos na pesquisa o que fazem para diminuir ou acabar com os casos de indisciplina em contexto escolar. O docente “D1” explica:

Não é fácil acabar com a indisciplina, mas o primeiro passo é a conversa, saber a causa do problema, e tentar achar uma solução na sala de aula, se não vira tédio. Enfim, saber como o ser humano se desenvolve moralmente é essencial para encontrar as raízes da indisciplina. (DOCENTE D1, 2013).

O docente “D2” expando o que faz no combate a indisciplina diz:

Uma das formas que eu descobri para minimizá-la foi tratar das regras com eles. Fazer com que os alunos decidam o que pode ou não ser feito, e diante disso, ouvindo a opinião deles também decidimos juntamente com eles quais

serão as punições para os que infringirem as regras combinadas. (DOCENTE D2, 2013).

A gestora respondeu:

Ai é o ponto crucial, porque a indisciplina não é gerada na escola é gerada no meio em que vivemos no meio familiar, pois quando eu não respeito os meus pais eu não tenho como respeitar as regras e as normas da escola, assim a única forma de minimizar a indisciplina é a família estando mais presente. (DIRETORA, 2013).

Questionamos ainda os próprios alunos e seus pais, para manifestarem sua opinião de como os professores e a escola em geral deveria combater ou minimizar a indisciplina infantil em sala de aula. 7% dos pais entende que é preciso chamar os pais; 14 % que o professor deve ocupar o aluno em alguma atividade para diminuir a indisciplina, os demais sujeitos que representam 79% dos pais e alunos, crêem que a escola precisa esclarecer mais as suas regras, que os professores devem conversar com os alunos e encaminhar para a diretoria onde interpretam esse lugar como um momento de reflexão.

Conforme pudemos compreender os tempos mudaram, a sociedade não está como antes, a estrutura familiar mudou, as crianças já tem acesso a informações que num passado não muito distante não tinham. Assim a escola não avançando nesse entendimento, estando presa aos costumes e tradições passadas pode enfim se tornar um agente causador da indisciplina. Respectivamente Aquino (1996, p. 45) expõe:

Quais significados, então, poderíamos subtrair dos fenômenos que rondam esta nova escola, incluída aí a indisciplina? Ela pode estar indicando o impacto do ingresso de um novo sujeito histórico, com outras demandas e valores, numa ordem arcaica e despreparada para absorvê-lo plenamente. Nesse sentido, a gênese da indisciplina não residiria na figura do aluno, mas na rejeição operada por esta escola incapaz de administrar as novas formas de existência social concreta, personificadas nas transformações do perfil de sua clientela.

Desse modo com base no aludido autor elencamos também a própria escola como possível causa da indisciplina infantil. Analisamos que a família por meio da maneira como vê a escola, bom professor e o exemplar aluno, pode também sinalizar sua intervenção e acompanhamento na vida escolar do filho. Consideramos ainda a maneira como o professor combate o fenômeno para apreendermos a possibilidade de incitar ainda mais a indisciplina infantil. Assim percebemos que as causas da indisciplina são múltiplas e muitas vezes elas estão mais nos contextos que a produzem do que no indivíduo.

Antes de ser aluno o indivíduo é filho, integrante de uma família, onde desenvolve suas emoções, é influenciado e influencia. Ele é também integrante de uma sociedade onde se submete a leis, regras, desenvolve sua cidadania usufruindo de diretos e cumprido deveres.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Celso. Professor Bonzinho = Aluno Difícil: A Questão da Indisciplina em Sala de aula. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002.
- ARAÚJO, Ulisses F. **Moralidade e Indisciplina: uma leitura possível a partir do referencial piagetiano**. In: AQUINO, Julio G. Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.
- ARIES, Philippe. **A História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro, 1981. Disponível em: <<http://www.faroldoconhecimento.com.br/livros/Educa%C3%A7%C3%A3o/PHILIPPE-ARIES-Historia-social-da-crianca-e-da-familia.pdf>>. Acesso em: 11 de novembro de 2013.
- ARIES, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986.
- BUJES, Maria Isabel Edelweiss. **Alguns apontamentos sobre as relações infância/poder numa perspectiva foucaultiana**. Disponível em: <<https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&ved=0CDIQFjAB&url=http%3A%2F%2Fwww.amazonia.fiocruz.br%2Fbr%2Fensino%2Fdidaticos%2Fcategory%2F47-historia-saude.html%3Fdownload%3D730%253Amicrofisica-do-poder&ei=TASJUv3IE9OHkQfi9IGIBg&usq=AFQjCNH7WM29guQ-mcQwOh2Pi8BVf75RMg&bvm=bv.56643336.d.eW0&cad=rja>> Acesso em: 17 de Novembro de 2013.
- DE LA TAILE, Yves. A indisciplina e o sentimento de vergonha. In: AQUINO, Júlio Groppa (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. 2. ed. São Paulo :Summus, 1996.
- FROTA, Ana Maria Monte Coelho. **Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção**. Estudos e Pesquisas em Psicologia. [on-line]. V. 7 n. 1 Rio de Janeiro, jun 2007. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1808-42812007000100013&script=sci_arttext&tlng=es> ISSN 1808-4281. Acesso em: 16 de Novembro de 2013.
- FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1993, In: BUJES, Maria Isabel Edelweiss. **Alguns apontamentos sobre as relações infância/poder numa perspectiva foucaultiana**. Disponível em: <<https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&ved=0CDIQFjAB&url=http%3A%2F%2Fwww.amazonia.fiocruz.br%2Fbr%2Fensino%2Fdidaticos%2Fcategory%2F47-historia-saude.html%3Fdownload%3D730%253Amicrofisica-do-poder&ei=TASJUv3IE9OHkQfi9IGIBg&usq=AFQjCNH7WM29guQ-mcQwOh2Pi8BVf75RMg&bvm=bv.56643336.d.eW0&cad=rja>> Acesso em: 17 de Novembro de 2013.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- GODOY, C. et al. **A (in) disciplina escolar nas perspectivas de Piaget, Winnicott e Vygotsky**. *Revista Psicopedagogia*. [on-line]. Edição 23. São Paulo, 2006. Disponível: disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-84862006000300008&script=sci_arttext> ISSN 0103-8486. Acesso em: 17 Novembro de 2013.
- LAJONQUIÈRE, Leandro de. A criança, “sua” (in) disciplina e a psicanálise. In: AQUINO, Júlio Groppa (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. 2. ed. São Paulo :Summus, 1996.
- LARROSA, Jorge. Dar a palavra. Notas para uma dialógica da transmissão In: _____ e SKLIAR, Carlos. **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 281-295.
- LEVISKY, David Léo. **Aspectos do Processo de Identificação do Adolescente na Sociedade Contemporânea e suas Relações com a Violência**. Disponível em: <<http://davidlevisky.com.br/livros/livros/Adolescencia%20e%20violencia%20-%20consequencias%20da%20realidade%20brasileira/capitulo%20I%20-%20Aspectos%20do%20Processo%20de%20Identifica%20E7%20E3%20do%20Adolescente%20na%20Sociedade%20Contempor%20E2nea%20e%20suas%20Rela%20E7%20F5es%20com%20a%20Viol%20Eancia.pdf>>. Acesso em: 28 de Dezembro de 2013.
- LEVY, Ray. **Quero ver você me obrigar! : estratégias que acabam com as birras e levam à cooperação**. São Paulo: Editora Gente, 2004.
- PARRAT-DAYAN, Silvia. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. São Paulo: contexto; 2ª Ed. 2012.PASSOS, Laurizete Ferragut. A indisciplina e o cotidiano escolar: novas abordagens, novos significados. In: AQUINO, Júlio Groppa (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. 2. ed. São Paulo :Summus, 1996.PEREIRA, Renata Marcondes. **O Ser Criança na Sociedade Atual: reflexões sobre o trabalho pedagógico do professor**. 2011. 75f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011. Disponível em: <<http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/RENATA%20MARCONDES%20PEREIRA.pdf>> Acesso em: 16 Novembro de 2013.PIAGET, Jean. O juízo moral na criança. São Paulo: summus, 1994. In: PARRAT-DAYAN,

Silvia. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. São Paulo: contexto; 2ª Ed. 2012. REGO, T.C. R. A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana. In J. G. Aquino (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas** (15a ed., p. 83-101). São Paulo: Summus, 1996. SARMENTO, Manuel. Visibilidade social e estatuto da criança. In VASCONCELLOS, Vera M. R; SARMENTO, Manuel. **Infância Invisível**. Araraquara: Junqueira&Marins. 2007. VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984. WERNECK, **Hamilton**. **A indisciplina tem jeito: pulso forte e coração que ama**. 2. ed. Petrópolis, RJ: 2010.